DEMOCRACIA EM CRISE:
A ARTICULAÇÃO TRANSNACIONAL DO BOLSONARISMO NO DESAFIO ÀS INSTITUIÇÕES DEMOCRÁTICAS

Rebeca Araújo Gomes[1]
Felipe Bernardo Estre[2]

RESUMO

O populismo de extrema-direita está em ascensão e seu principal modo de propagação é por meio da desinformação – com a proliferação de *fake news* e de teorias da conspiração. Portanto, a partir da análise do movimento bolsonarista no Brasil, esse artigo se propõe a entender e explicar como o uso de fake news e teorias da conspiração pelo movimento bolsonarista se articula com práticas transnacionais da extrema-direita para desafiar instituições democráticas. Para essa pesquisa, será realizado um estudo de caso qualitativo e comparativo – entre o bolsonarismo e movimentos transnacionais análogos, em especial o trumpismo nos Estados Unidos – a partir do uso de revisão de literatura especializada – sobre populismo digital, redes transnacionais e fragilização democrática – e da análise de padrões de desinformação em plataformas digitais. Os resultados sugerem que o bolsonarismo é o alicerce central do populismo autoritário no Brasil e, ao adotar uma identidade ultraconservadora e importar táticas de comunicação apelativas, o movimento difundiu narrativas conspiracionistas e antidemocráticas no país.

Palavras-chave: fake news, teorias da conspiração, globalismo, anti-globalismo, bolsonarismo, populismo de extrema-direita, desinformação, autoritarismo, trumpismo, democracia

---

[1] Graduanda do curso de Relações Internacionais pelo Centro Universitário IESB.

[2] Felipe Bernardo Estre - PhD em Relações Internacionais pela USP e King's College London (Reino Unido), especialista em diplomacia, análise de discurso e política externa brasileira, professor de Relações Internacionais no Centro Universitário IESB.

INTRODUÇÃO

A democracia está em crise. Há pelo menos duas ou três décadas, pesquisas apontam que a democracia tem passado por um constante declínio. De acordo com o relatório *Freedom In The World 2025* da Freedom House, o globo passa pelo seu 19º ano consecutivo de redução da liberdade. Em números, a pesquisa aponta que 60 países experimentaram uma decadência nos campos de liberdades civis e direitos políticos, ao passo que apenas 34 apresentaram alguma melhora. O *Democracy Report 2024* do V-Dem Institute apoia essa perspectiva pessimista sobre esse sistema político, ao reportar que o modelo de democracia liberal, a forma de democracia que existe no contexto capitalista, se tornou minoria no mundo, com apenas 29 nações que o adotam, ao passo que o número de autocracias cresce globalmente (ANGIOLILLO ET AL., 2025). "A democracia não está funcionando", alega o *Democracy Index* da Unidade de Inteligência do *The Economist*. O sistema de pontuação do *Democracy Index*, uma escala de zero a dez, sendo dez a melhor pontuação, indica que a democracia global está em uma queda constante desde aproximadamente 2015, com poucas melhorias, chegando a uma pontuação de apenas 5,17 em 2024. Além disso, pelo menos 40% dos países e territórios que passaram por eleições nacionais em 2024 vivenciaram episódios de violência e esforços autoritários que buscavam restringir as escolhas dos eleitores, como, por exemplo, tentativas de assassinato ou agressões a candidatos, ataques a locais de votação e o uso desproporcional de força para reprimir manifestações pós-eleitorais (GOROKHOVSKAIA & GROTHE, 2025).

O *Democracy Index* também aponta que, no ano de 2024, quando metade da população mundial passou pelo período eleitoral, a insatisfação popular com os governos vigentes se manifestou no apoio a insurgentes populistas. A democracia liberal foi considerada como a chave para a estabilidade e a paz mundial, porém, agora, depois de pouco mais de 30 anos da queda do Muro de Berlim, a crise democrática generalizada não poderia estar mais evidente (CEBRI, 2024; RATO, 2019). Como ilustrado por Vasco Rato, partidos e movimentos de caráter populista alcançaram mais apoio nas eleições para o Parlamento Europeu de 2014 e 2019, emergindo como os mais votados na França e no Reino Unido. Contudo, não só no voto esses movimentos ganham força, o populismo também se alastra em debates públicos sobre questões como imigração, políticas sobre criminalidade e legitimidade etc. (RATO, 2019).

O populismo é a principal ideologia que surge a partir do ressentimento gerado na população quando há alguma crise ocorrendo, principalmente por conta da globalização, que gerou imensa desigualdade entre as nações do globo. Quando o sistema vigente se deteriora, como, por exemplo, a crise do neoliberalismo, o ressentimento não se volta para o sistema em si, mas para outras pautas distintas, como a pauta identitária. Os principais alvos desse ressentimento têm sido os processos de globalização, imigração, multiculturalismo e a degradação da cultura nacional. A extrema-direita utiliza esse ressentimento para se consolidar nos debates públicos e políticas atuais. Ela desvia a raiva da população contra o sistema para o aspecto identitário, por exemplo. Ao analisar os casos da Europa e dos Estados Unidos (EUA), é perceptível que essa raiva foi redirecionada para os imigrantes, criando um sentimento antimigratório que leva a discriminações e se ramifica para outros tipos de preconceitos (CEBRI, 2024).

A extrema-direita também usa a desinformação como um subterfúgio para redirecionar o ressentimento populacional e manter o foco em pautas culturais, utilizando-se de discursos tradicionalistas e nacionalistas e evitando que a verdadeira origem do problema, a desigualdade sistêmica, seja debatida. O uso de *fake news* e teorias da conspiração pelos movimentos de extrema-direita é extremamente estratégico nesse sentido. A desinformação deliberada passa a minar a confiança do povo nas instituições democráticas e em veículos de notícias tradicionais. Um movimento de extrema-direita que segue esse caminho é o bolsonarismo no Brasil.

REVISÃO DE LITERATURA

O fenômeno do crescimento do movimento bolsonarista e seu consistente uso estratégico de táticas de desinformação e de teorias da conspiração são um caso de extensos estudos dentro das disciplinas de Relações Internacionais e Ciência Política Contemporânea. O objetivo dessas análises não é apenas entender quais informações são falsas e quais não são, mas é entender como esse fenômeno se relaciona com as práticas da extrema direita que ascenderam globalmente e como as estruturas democráticas são impactadas negativamente. Impacto esse que é ressaltado pelo advogado-geral da União, Jorge Messias, para a revista da Advocacia-Geral da União, Farol, em 2024, quando fala que “as *fake news* e a desinformação têm o efeito deletério de corroer a confiança da sociedade nas instituições democráticas”.

Assim, esta seção do texto busca apresentar um panorama do debate acadêmico sobre o tema do uso das fake news e da desinformação pelo movimento bolsonarista e seus impactos nas instituições democráticas. Essa parte também busca compreender como os principais autores do tema o apresentam, quais são as suas principais interpretações e quais lacunas existem na literatura sobre o objeto de estudo.

No capítulo "Populis and Anti-Globalism on Twitter" do livro *"Right-Wing Populism in Latin America and Beyond"* (2023), Anna Carolina Raposo de Mello e Felipe Estre apontam a crescente populista da última década e como, com isso, surgiu uma onda do populismo de extrema direita em governos ao redor do mundo – perceptível por traços identificadores dessa vertente, como o conservadorismo, nacionalismo e práticas iliberais. Líderes de governo que são considerados exemplos da expressão do movimento populista de extrema-direita são Donald Trump nos EUA, Viktor Orbán na Hungria e Jair Bolsonaro no Brasil. Os autores apresentam uma tendência desse movimento de utilizar o termo "globalismo" – a globalização, acrescida de múltiplas teorias da conspiração sobre os mecanismos ocultos do sistema internacional – como um bode expiatório para representar todas as mais graves ameaças às nações do globo, tornando, assim, a luta contra o globalismo um dos objetivos-chave da política externa ultraconservadora. Logo, para compreender o fenômeno do anti-globalismo e sua relação com o populismo de extrema-direita e suas teorias da conspiração, Mello e Estre monitoraram o uso do termo "globalismo" – em português, espanhol e italiano – na plataforma *X* (anteriormente *Twitter*) entre 24 de janeiro de 2020 e 21 de julho de 2020, para entender se e como o termo era empregado por líderes populistas e seus apoiadores. O monitoramento revelou uniformidade no discurso anti-globalista em diferentes países e línguas, tanto em temas quanto em recursos retóricos. O discurso conspiratório anti-globalista se manteve consistente, apesar das diferenças presentes nos diversos países ou universos linguísticos analisados. Além disso, observa-se que, independentemente da origem da publicação na plataforma, o "globalismo" foi constantemente associado à ideia de destruição da soberania nacional e dos valores tradicionais, bem como às ideias de multilateralismo, instituições internacionais, elites financeiras e ao movimento político de esquerda. Em suma, o globalismo seria a ideia diametralmente oposta ao patriotismo. Mello e Estre explicam o uso do globalismo pelo movimento populista de extrema-direita contemporâneo como uma estratégia de criar o sentimento divisório de "nós e eles". No Brasil, o termo é utilizado conspiratoriamente, associado a um complô arquitetado por governos de esquerda e organizações internacionais para alcançar uma eventual dominação

global, destruir os valores ocidentais e gerar uma "nova ordem mundial". De acordo com a análise, a necessidade de combater o globalismo é frequentemente reforçada em publicações na plataforma *X* por políticos, como o ex-Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Ernesto Araújo, e o deputado federal Eduardo Bolsonaro, mas sempre esclarecendo a distinção entre globalismo e globalização, para não adotarem um discurso contra a liberalização dos mercados.

Ainda explorando como governos populistas de extrema-direita constroem suas identidades de política externa, principalmente o governo Bolsonaro, Feliciano de Sá Guimarães e Irma Dutra de Oliveira e Silva o fazem utilizando o conceito de identidades conservadoras "espessas" e "finas", no artigo "*Far-right populism and foreign policy identity: Jair Bolsonaro's ultra-conservatism and the new politics of alignment*" (2021). Os autores propõem que esses governos tendem a priorizar um conjunto de identidades conservadoras ao se relacionarem com outros governos ultraconservadores – que os autores categorizam como uma identidade espessa. Essa identidade pode ser caracterizada pela enfatização de três concepções inter-relacionadas de papel nacional: um papel anti-globalista, que se dá por narrativas de oposição a instituições internacionais; um papel nacionalista, que se expressa por narrativas pró-soberania; e um papel anti-inimigo, caracterizado por narrativas de amigo/inimigo. Contudo, os autores apontam que, quando esses governos se relacionam com adversários ideológicos, um comportamento mais sutil e contraditório é percebido, usualmente focado em apenas uma concepção do papel nacional. Esse tipo de conjunto de identidade é categorizado como uma identidade conservadora fina no artigo.

Guimarães e Silva apresentam como a identidade da política externa do governo Bolsonaro se manifestou espessa com sua reorientação política para o ultraconservadorismo e seu alinhamento com o presidente estadunidense Donald Trump. Esse novo alinhamento político se tornou evidente durante sua campanha presidencial em 2018, na qual o ex-presidente brasileiro procurou destacar paralelos e valores em comum com Trump, como valores familiares, a soberania – com uma visão negativa sobre o direito internacional – e o posicionamento anti-esquerda na América Latina. O alinhamento se reforçou pela emulação e espelhamento em Trump e seus princípios, especialmente no âmbito internacional, levando Trump a se comportar de maneira favorável a Bolsonaro. A retórica anti-globalista, como de praxe em governos de identidade ultraconservadora, se fez fortemente presente na política externa de Bolsonaro, a ponto de membros de seu gabinete, como Filipe Martins, Eduardo Bolsonaro e Ernesto Araújo, formarem um proeminente grupo anti-globalista.

Semelhantemente, a retórica nacionalista e pró-soberania também foi evidenciada pela defesa de uma "abordagem verdadeiramente brasileira", que priorizaria os interesses do povo sobre os de uma elite internacional, apesar de ser uma narrativa nacionalista extremamente semelhante à defendida por Trump.

Contudo, ao analisar a relação de Bolsonaro com a China, um rival ideológico, Guimarães e Silva ilustram a transição para uma identidade conservadora fina e menos convicta. Inicialmente, a campanha de Bolsonaro adotou uma retórica anti-China, retratando o país como um "predador que quer dominar setores cruciais de nossa economia". Esse posicionamento, no entanto, se abrandou em 2019, com a crise dos incêndios na Amazônia, uma vez que a China foi um dos poucos governos que se prontificaram a apoiar Bolsonaro em meio a severas críticas da sociedade internacional. Naquele momento, o então presidente declarou publicamente, pela primeira vez, a China como uma parceira estratégica. A boa relação, todavia, mostrou-se frágil. Com a pandemia de COVID-19 e a circulação de acusações de que o governo chinês teria fabricado o coronavírus em laboratórios estatais entre apoiadores de Bolsonaro e membros de seu próprio gabinete, a prioridade de mimetizar as ações políticas de Trump se sobrepôs. O alinhamento com a China em aspectos que não fossem estritamente econômicos nesse período tão delicado na história global não era um objetivo a ser priorizado, então a China voltou a ser considerada como uma espécie de inimiga política, reforçando a narrativa anti-inimigo, percebida na identidade conservadora espessa.

Para entender como a teoria da conspiração do "globalismo" se tornou um elemento chave na política externa do governo de Bolsonaro, Feliciano de Sá Guimarães, Davi Cordeiro Moreira, Irma Dutra de Oliveira e Silva, and Anna Carolina Raposo de Mello, analisaram aproximandamente 2000 discursos oficiais e não-oficiais de Bolsonaro, Ernesto Araújo, Filipe Martins e Eduardo Bolsonaro, entre janeiro de 2019 e dezembro de 2020, e reportaram seus resultados no artigo "*Conspiracy Theories and Foreign Policy Narratives: Globalism in Jair Bolsonaro's Foreign Policy*"(2023). Concluiu-se que o "globalismo" não era apenas uma estratégia política, mas sim uma cosmovisão ideológica profundamente enraizada no gabinete de extrema-direita de Bolsonaro. Os autores argumentam que os formuladores da política externa brasileira reproduzem a ideia do "globalismo" como justificativa para seus atos e discursos relacionados à política externa. Para esses formuladores, as conspirações realizadas por agências internacionais e pela China – o globalismo – procuram impor o "marxismo cultural" por meio do direito internacional, sem o consentimento do "povo verdadeiro",

predominantemente nacionalista, anticomunista e cristão. Ao analisar mais de 2000 discursos, publicações em redes sociais, entrevistas e vídeos, concluiu-se que o antiglobalismo se tornou a narrativa oficial da política externa brasileira durante o período estudado. A utilização desse termo se demonstrou consistente e pouco variável, comprovando que se trata de uma ideologia entranhada no gabinete de Bolsonaro, na época. Essa introdução sistemática de conspirações originadas de ramos ideológicos, por parte de líderes populistas, a ponto de se desenvolverem na narrativa oficial da política externa de algum país, foi demonstrada, empiricamente, pela primeira vez pelo estudo desse artigo. Por fim, entende-se que o antiglobalismo concretiza a influência populista em todo o âmbito internacional, uma vez que o governo Bolsonaro espelhou-se em narrativas de líderes globais como Trump e Orbán.

O estudo da manifestação do populismo de extrema-direita em forma de *fake news* e teorias da conspiração ainda é muito prematuro e não é considerado seriamente como um fenômeno que afeta diretamente a política externa de um país e suas instituições democráticas (GUIMARÃES ET AL., 2023). Análises empíricas e qualitativas sobre o tema em questão ainda são minoria dentro da academia de relações internacionais, então não há estudos acadêmicos sérios sobre as consequências geradas por *fake news* e teorias da conspiração no sistema democrático de um país o suficiente para trazer atenção a essas consequências, fazendo com que os problemas gerados a partir disso afetem negativamente o povo antes que métodos de mitigação sejam sequer idealizados. Portanto, o presente artigo procura preencher uma parte dessa lacuna literária trazendo como objeto de estudo o movimento bolsonarista e entendendo como a confiança em instituições democráticas foi impactada negativamente pelo movimento.

OBJETIVO E JUSTIFICATIVA

Com o cenário apresentado acima em mente, esse artigo planeja compreender e explicar como o uso de fake news e teorias da conspiração pelo movimento bolsonarista se articula com práticas transnacionais da extrema-direita para desafiar instituições democráticas. Esse artigo pretende descrever o *modus operandi* da desinformação bolsonarista; identificar práticas semelhantes em movimentos de extrema-direita em outros países; investigar os mecanismos de articulação transnacional; e, por fim, discutir como essas táticas conjuntas desafiam instituições democráticas no Brasil e em nível global.

O estudo da desinformação deliberada como tática política ainda tem muito a avançar, principalmente quando há a relação com ideologias e controle de narrativas, que têm como objetivo criar uma realidade paralela para fortalecer e consolidar uma única visão de mundo e vilanizar tudo e todos aqueles que fogem desse paradigma. Portanto, é preciso haver mais estudos sobre as consequências do emprego do sectarismo ideológico do populismo da extrema-direita por meio dessas estratégias de desinformação, que são muito mais passíveis de sucesso na era atual da fragmentação das esferas de informação, argumentação e deliberação política (BUCCI & BLOTTA , 2025).

De acordo com o diretor da Escola de Comunicação, Mídia e Informação da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Marco Ruediger, durante a Comissão Parlamentar Mista de Inquérito (CPI) das *Fake News*, "O impacto disso [*fake news*] é a distorção brutal da informação, um processo de difamação e destruição de reputações consistentemente planejado e a quebra de confiança nas instituições, sendo este o aspecto mais nocivo e pérfido desse processo" (SENADO, 2019). Dessa forma, cria-se um sentimento de ceticismo perante a população sobre a democracia e seu funcionamento, e, logo, dá margem para a criação de um ambiente propício para narrativas antidemocráticas ganharem força no meio público.

Como a crise democrática e o ressurgimento de movimentos de extrema-direita estão alterando a forma como os atores do sistema internacional interagem, é de extrema importância para a disciplina de relações internacionais que esse fenômeno seja analisado mais aprofundadamente, neste caso, estudando-o no movimento bolsonarista, no Brasil. Assim, será possível compreender melhor como esses fenômenos políticos se manifestam no âmbito transnacional.

MATERIAL E MÉTODOS

Para entender como as táticas de desinformação utilizadas pelo movimento bolsonarista se entrelaçam com narrativas extremistas de direita estrangeiras e, por consequência, minam a confiança nas instituições democráticas, o presente artigo utiliza uma abordagem de caráter qualitativo, visto que procura compreender como esse fenômeno se manifesta e se articula. Além disso, essa análise se dará também como um Estudo de Caso Comparativo, uma vez que

o foco será o movimento bolsonarista, que será comparado com práticas transnacionais da extrema-direita, permitindo identificar padrões e articulações entre os objetos de estudo.

Essa análise adotará as seguintes técnicas de coleta: Análise Documental e Análise de Literatura Secundária. A Análise Documental focará em documentos primários, como discursos oficiais, entrevistas e reportagens jornalísticas veiculadas. Também serão considerados artigos pioneiros e estudos quantitativos que forneçam dados ou análises diretas sobre o fenômeno. A Análise de Literatura Secundária irá se concentrar na leitura e coleta de artigos científicos, livros e teses de autores que tratam do tema – como De Sá Guimarães, Mello, Estre, entre outros.

Em relação aos critério utilizados para garantir que as fontes sejam relevantes e representativas para que seja possível responder à pergunta apresentada, para a Análise de Literatura Secundária foram consideradas a temporalidade da publicação dos artigos – o período considerado sendo após o ano de 2018; a relevância temática, focando em artigos que tratem sobre o movimento bolsonarista, sobre a crescente do populismo de extrema-direita, sobre o uso deliberado da desinformação e sobre os impactos sofridos pela Democracia; e a qualidade, priorizando periódicos bem avaliados e autores referências nos temas tratados. Já para a Análise Documental, o período considerado para a coleta dos dados é desde a campanha eleitoral de 2018 até novembro de 2025, focando na influência da extrema-direita no bolsonarismo, na disseminação de *fake news* e teorias da conspiração e no declínio da confiança nas instituições democráticas. O critério do conteúdo coletado é o foco em documentos, reportagens e entrevistas que tratam explicitamente dos temas já mencionados que evidenciam a conexão entre eles.

O presente artigo reconhece que possui limitações metodológicas, que podem restringir o alcance e a interpretação de seus resultados. Há a impossibilidade de generalização dos achados nesse estudo, uma vez que se trata de um estudo de caso qualitativo e comparativo com um foco específico no movimento bolsonarista. Além disso, também há uma forte dependência de fontes secundárias para encontrar todas as informações, uma vez que essa pesquisa precisa analisar como a desinformação se dá em redes sociais e em discursos oficiais, o que só é possível analisando compilações desses materiais por meio da literatura secundária e cobertura midiática.

ANÁLISE

Esse artigo se propõe a analisar e entender como as táticas de controle de narrativa do movimento bolsonarista – como a disseminação de *fake news* e de teorias da conspiração – se relacionam com a retórica extremista de direita que vem ganhando força na última década, além de se propor a explorar como essa estratégia do movimento abala a confiança pública nas instituições democráticas.

A prática de disseminar desinformação para manipular a visão do público sobre algo ou alguém não é recente. Quando jovem, Caio Otaviano, mais conhecido como Augusto, o primeiro imperador da Roma Antiga e sucessor de Júlio César, disseminou propaganda com o objetivo de prejudicar a imagem de seu adversário, Marco Antônio. Ou seja, essa é uma prática que, por bem ou por mal, se mostrou muito eficiente na política, explicando seu consistente uso há milênios. A política no século XXI não fugiria dessa tática, principalmente com o advento da internet e das redes sociais, onde tudo é mais rápido e distâncias enormes se encurtaram para apenas poucos cliques de distância (SILVA & FORMIGA & TARGINO, 2024). Logo, não se pode afirmar que a propagação de *fake news* e teorias da conspiração por parte do movimento bolsonarista é um fenômeno isolado, especialmente quando se observa que práticas semelhantes atreladas à extrema-direita têm crescido na última década (MELLO & ESTRE, 2023).

Assim, nas próximas quatro subseções, esse estudo irá analisar como ocorre o processo de difusão de desinformação no movimento bolsonarista; identificar movimentos semelhantes no meio internacional e como o movimento bolsonarista se articula com essas práticas; e, por fim, como esse fenômeno ameaça e corrói a confiança nas instituições democráticas.

O *MODUS OPERANDI* DA DESINFORMAÇÃO BOLSONARISTA

Os principais atores na disseminação de informações inflamadas e da cosmovisão que caracterizaram todo o governo de Bolsonaro são, além do ex-presidente, seus próprios membros de gabinete, os ex-ministros Ernesto Araújo e Filipe Martins e seu filho e deputado federal Eduardo Bolsonaro. Apoiadores online e ativistas sociais pró-governo também se fizeram presentes na propagação da ideia antiglobalista e na "conservadorização" da política externa brasileira. Redes sociais, como o *X* (antigo *Twitter*), servem de terreno fértil para a germinação de narrativas fictícias da existência de um "Grande Inimigo" que procura destruir tudo aquilo

que o povo verdadeiro crê e luta para construir, levando, assim, a uma separação clara entre "nós" e "eles", o "povo de bem" *versus* a "elite corrupta" que o trai, um traço crucial do populismo (DE SÁ GUIMARÃES ET AL., 2023; MELLO & ESTRE, 2023).

O populismo usa uma estratégia carregada de afetos, com o objetivo de criar um sentimento profundo de identificação do povo com o líder do movimento. Contudo, para determinar o que é o "povo", é necessário que se crie uma identidade que englobe todo um grupo que surja de um denominador comum entre diversas demandas sociais. Um exemplo desse denominador comum poderia ser a vilanização de uma parte da população, como a que o povo LGBTQIAPN+ sofreu de forma massiva durante o governo Bolsonaro, ou a demonização de uma ideia, como a aversão total a ideias de cunho "comunista" apresentada por todo o movimento bolsonarista. Dessa forma, consolida-se a ideia previamente dita de "nós" contra "eles", criando um sentimento de união muito mais forte entre os apoiadores do movimento, dando sentido às suas ações e crenças, causando a sensação de que fazem parte de algo maior do que si mesmos (VISCARDI, 2020).

No caso do movimento bolsonarista, o apelo ao emocional ganha outras proporções por conta de sua correlação com a religião cristã, principalmente com a denominação evangélica, e, considerando que mais de 80% da população brasileira é de alguma vertente cristã, a identificação sentida pela população por um presidente que abertamente demonstra essa conexão com a religião se aprofunda ainda mais. Além disso, a estratégia utilizada por Bolsonaro de se conectar fisicamente e emocionalmente com seus interlocutores no seu processo comunicacional se assemelha claramente ao tipo de comunicação e interação percebidos em cultos e cerimônias cristãs evangélicas. Logo, o engajamento de Bolsonaro com seus apoiadores parece seduzir as massas (DEMURU, 2021; IBGE, 2022).

Portanto, ao se alinhar com a estratégia de operação em esferas públicas de partidos de extrema-direita e propagar uma ideologia política aversa ao paradigma político ao mesmo tempo que consegue combinar práticas liberalistas com um comportamento anti-elitista – sendo a elite tudo aquilo e todo aquele que vão diretamente contra seu posicionamento –, Bolsonaro conseguiu implementar um governo de caráter populista de extrema-direita e alimentar um movimento político-ideológico que colocava, e ainda coloca, sua figura em um pedestal que o garante qualidades messiânicas. Com o engajamento *online* tanto de Bolsonaro quanto de seus membros de gabinete e demais apoiadores, a disseminação de ideias de todo tipo, especialmente de teorias conspiratórias e informações falsas e manipuladas, se tornou muito mais efetiva e

captou muito mais apoiadores (VISCARDI, 2020; DEMURU, 2021; MELLO & ESTRE, 2023).

PADRÕES GLOBAIS DA EXTREMA-DIREITA

Com o crescimento da onda ultraconservadora ao redor do globo, o bolsonarismo teve diversos exemplos mundo afora para se espelhar e importar para o Brasil, uma vez que o populismo de extrema-direita pertence a um movimento global interconectado que implementa, estrategicamente, ressentimentos culturais e desenvolve críticas à globalização – ou sua versão conspiracionista, o globalismo (MELLO & ESTRE, 2023; DE SÁ GUIMARÃES & SILVA, 2021). O principal exemplo de convergência tática com o bolsonarismo no Brasil é o trumpismo nos EUA. Para Bolsonaro, se alinhar com Trump incluiria o Brasil em uma visão conservadora do Ocidente, visto que, nas palavras do ex-Ministro das Relações Exteriores, Ernesto Araújo, o governo Bolsonaro buscava de alinhar com qualquer outro governo conservador que compartilhasse dos seguintes aspectos: a crença que existe uma conspiração global contra o "povo verdadeiro", a defesa de uma narrativa pró-soberania que se coloca contra "regimes internacionais" e um sentimento de hostilidade a inimigos em comum – como à orientação política de esquerda, a imigrantes, ao povo LGBTQIAPN+ etc (DE SÁ GUIMARÃES & SILVA, 2021).

A primeira vez que Bolsonaro e Trump se reconheceram mutuamente foi sobre a questão migratória da Venezuela. Ambos instituíram a imigração como um inimigo comum. Posteriormente, depois de muito criticar e rotular os emigrantes da Venezuela como indesejados no Brasil, Bolsonaro mudou seu discurso e passou a considerá-los publicamente como lutadores pela liberdade e se prontificou a recebê-los como refugiados de um regime brutal. Esse comportamento ambíguo de Bolsonaro se assemelhou fortemente ao de Trump sobre o mesmo assunto (DE SÁ GUIMARÃES & SILVA, 2021). Em suma, tanto Bolsonaro quanto Trump – além de outros líderes populistas de direita – compartilham das mesmas estratégias, especialmente quando se comunicam nas mídias sociais para propagar suas ideologias políticas (DEMURU, 2021). Com as semelhanças em suas abordagens políticas, Bolsonaro ganhou o apelido de "Trump do Trópico", o qual foi carregado orgulhosamente pelo ex-presidente (CASARÕES & FARIAS, 2021).

Analisando os três pilares nos quais Bolsonaro construiu seu projeto político de autoimagem nacional, é clara a sua inspiração nas políticas de Trump. O pilar central do bolsonarismo é o anti-globalismo, proposta por Olavo de Carvalho, o guru intelectual de Bolsonaro, e esse pilar é quase que uma "cópia do manual conspiratório coonservador dos EUA, envolto na linguagem contemporânea da dark web, popularizada por Steve Bannon e Alex Jones" (CASARÕES & FARIAS, 2021; DE SÁ GUIMARÃES ET AL, 2023; MELLO & ESTRE, 2023). O segundo pilar do bolsonarismo também está intrinsecamente relacionado com a teoria da conspiração do globalismo que ele importou dos EUA: o anticomunismo. O anticomunismo e o anti-globalismo se emaranham e se confundem, uma vez que, para os antiglobalistas, o globalismo é uma grande teoria da conspiração na qual capitalistas financeiras confabulam com partidos de esquerda, universidades, burocratas internacionais e a mídia para dominar o mundo. De acordo com os antiglobalistas, o objetivo final do globalismo é aculturar as sociedades e destruir os valores tradicionais da família, da nação e de Deus através da imposição total de visões de mundo progressistas e cosmopolitas (CASARÕES & FARIAS, 2021).

O terceiro pilar, o nacionalismo religioso (cristão), também conversa com o posicionamento de Trump. O nacionalismo religioso consegue criar um terreno de cooperação e convergência entre líderes populistas, possibilitando que partidos e discursos partidários possam ser contornados e o discurso conservador adquira um certo grau de consistência em nível transnacional. Assim, os líderes populistas de direita, como Trump e Bolsonaro, se articulam e transformam a formulação de suas políticas em uma "guerra cultural" com tons religiosos. Apesar da religião ter esse papel fundamental nas políticas de Bolsonaro e Trump, ela aqui está emaranhada à "guerra cultural", a qual é "um meio pelo qual o projeto político-religioso é concretizado, evocando um imperativo moral que vai além do âmbito da religião, mesmo que ainda mantenha fortes conotações religiosas" (BARBOSA JR. & CASARÕES, 2022). Portanto, ambos os líderes se utilizam de valores religiosos cristãos tradicionais como ferramenta de legitimação da elaboração de suas políticas e como um atrativo para apoiadores que compartilham dessas convicções.

A ARTICULAÇÃO TRANSNACIONAL DA DESINFORMAÇÃO

O movimento populista de extrema-direita no Brasil está entrelaçado a uma tendência transnacional de uma complexa implementação de elementos ligados à identidade ultraconservadora – que abarca o antiglobalismo, a soberania e a beligerância –, que é difundida, principalmente, por meio das plataformas digitais, por atores estatais e não-estatais que buscam redefinir sua inserção no Sistema Internacional (MELLO & ESTRE. 2023). A articulação transnacional da desinformação é um fenômeno contemporâneo que se manifesta globalmente e se torna um desafio estrutural para a democracia liberal (MARTINUZZO & DARRIBA, 2023).

A ascensão do movimento populista de direita em países como Brasil, EUA, Hungria e outros se deve à convergência entre o populismo e as mídias digitais – também chamado de ciberpopulismo – que se utiliza de tecnologias de microsegmentação em escala global, algo que só é possível após o advento da tecnologia digital (CARREON, 2023). É possível entender o populismo mediado pelo meio digital como *tecnopopulismo*, no qual a circulação de discursos e narrativas é "imprevisível, relacional, reticular e deslinearizada" (CARREON, 2023). Na era digital, os indivíduos adquiriram o meio de fazer ouvir suas vozes ao falarem o que bem entendem e compartilharem o que acham pertinente e correto. Assim, o conceito de "verdade" é relativizado, uma vez que qualquer um tem o poder de escolher e decidir o que é a realidade para si mesmo, logo, não há uma única verdade, e sim interpretações específicas e individuais da realidade. Portanto, o mundo entrou na era da pós-verdade, uma terminologia que, de acordo com o dicionário da Universidade de Oxford, refere-se a "circunstâncias nas quais os fatos objetivos têm menos influência para definir a opinião pública do que o apelo à emoção ou às crenças pessoais". Ou seja, a verdade torna-se irrelevante, e os conceitos de realidade e imaginação se confundem (AZEVEDO & LIMA, 2020).

Partindo dessa perspectiva, compreende-se como os movimentos ultraconservadores ao redor do globo se consolidam e criam narrativas ao propagar *fake news* e teorias da conspiração, uma vez que muitas pessoas reproduzem "inverdades não apesar de sua falsidade, mas independentemente dela, porque a verdade perdeu força como valor tão central e absoluto". Logo, mentir de vez em quando é um mal menor que aceitar um inimigo político no poder (MENDONÇA ET AL, 2023). Um exemplo desse fenômeno é a derrota de Hillary Clinton na corrida presidencial dos EUA em 2016, que foi causada pela repercussão exacerbada de *fake news* sobre ela, como sua suposta relação com a Guerra do Iraque, que teve sua circulação após um investimento pesado da campanha de Trump em anúncios de pesquisa no *Google* sobre o

assunto, manipulando os resultados de quem pesquisava sobre (SILVA & FORMIGA & TARGINO, 2024). Outro exemplo foi a propagação massiva de *fake news* sobre o então candidato Fernando Haddad por Bolsonaro e seus apoiadores no período eleitoral brasileiro de 2018. Durante as eleições as *fake news* sobre a "mamadeira de piroca" e o "kit gay" foram associadas ao candidato Haddad, chegando ao ponto do próprio Bolsonaro publicar um tuíte, no então *Twitter* (agora *X*), se referindo a ele como "pai do kit gay e pau mandado do corrupto preso" (se referindo a Lula na segunda parte). Essas *fake news* foram desmentidas por diversos veículos de comunicação, mas, no final, não importava a verdade, porque essa foi apenas uma estratégia para causar indignação aos interlocutores de Bolsonaro, conectando-se a eles a nível emocional e pintando Haddad como o oposto do "cidadão de bem" do "povo verdadeiro". Não importa se é uma mentira, o que importa é quem Bolsonaro acusa de opositor e o efeito que isso causa em seus seguidores (VISCARDI, 2020).

O DESAFIO CONJUNTO ÀS ESTRUTURAS DEMOCRÁTICAS

O fenômeno da articulação transnacional da desinformação – o emaranhamento de *fake news*, teorias da conspiração, discursos de ódio, populismo de extrema-direita – contribui para a corrosão dos pilares da democracia, por seu caráter manipulador, capaz de influenciar a opinião públical, além de seus comportamentos e comunicação, levando à descridibilização dos valores e instituições democráticas (RODRIGUES & CEDRO & SILVA, 2022). O Brasil é um exemplo substancial desse fenômeno, uma vez que a desinformação no país, assim como em suas contrapartes ao redor do globo, tem sido impulsionada por estratégias que, ao flertar com o autoritarismo, buscam manipular o senso crítico da população (SILVA & FORMIGA & TARGINO, 2024).

Um dos principais alvos da desinformação bolsonarista foi o sistema eleitoral brasileiro, em especial o funcionamento da urna eletrônica. O ex-presidente Jair Bolsonaro, deliberadamente, alimentou a desconfiança no processo eleitoral, afirmando, sem comprovação, que a urna eletrônica era passível de fraudes, e iniciou uma campanha "absurda" para o retorno do voto impresso e a contagem manual dos votos, uma visão que foi considerada atrasada e um retorno aos tempos de fraudes (BARROSO, 2022). Pesquisas apontam que as *fake news* relacionadas às urnas eletrônicas são as mais compartilhadas nas redes sociais e que

a disseminação das informações falsas sobre fraude eleitoral teve um pico EUA quanto no Brasil (RODRIGUES & CEDRO & SILVA, 2022).

A disseminação da desinformação e do discurso de ódio nas redes sociais, principalmente contra a Justiça Eleitoral, com o foco na não aceitação dos resultados das eleições presidenciais de 2022, culminou nos atos terroristas de 8 de janeiro de 2023, como um brado retumbante antidemocrático por um golpe de Estado de caráter militar . Até mesmo o ataque às sedes do Três Poderes em Brasília foi uma ideia importada no movimento populista de extrema-direita dos EUA, uma vez que, dois anos antes, no dia 6 de janeiro de 2021, apoiadores de Trump invadiram o Capitólio em Washington D.C. O que aconteceu em Brasília pode ser considerado mais grave que o ocorrido nos EUA, visto que foi um ato terrorista e uma tentativa de golpe de Estado comprovada, visto que, no dia 11 de setembro de 2025, a Primeira Turma do Supremo Tribunal Federal (STF) condenou Bolsonaro a 27 anos e três meses de prisão por tentativa de golpe de Estado após a eleições de 2022, além de 124 dias-multa, cada dia valendo dois salários-mínimos. Até o dia 18 de novembro de 2025, o STF já condenou 24 réus por esse crime, sendo Bolsonaro o réu com a maior pena (MARTINUZZO & DARRIBA, 2023; AVILA & DOMINGUES, 2024; BOECHAT & VITTORAZZI, 2025; FALCÃO & BARBIÉRI, 2025).

Tanto Bolsonaro quanto Trump são líderes-chave do movimento populista de extrema-direita e ambos se utilizam das redes sociais para alcançar seus apoiadores a um nível mais intimista e sem mediação. Ambos procuram desacreditar jornalistas e rotular como mentira toda a informação que vai contra suas ideologias (VISCARDI, 2020; CARREON, 2023). Alimentaram o sentimento de não aceitação do Outro, mas principalmente a não aceitação dos resultados das eleições, além de propagarem discursos de ódio e de agressividade. Com isso, eles procuram corroer as estruturas governativas democráticas, minando as contingências legais e constitucionais (BARROSO, 2022; MARTINUZZO & DARRIBA, 2023). A partir disso, parece que o mundo passa por uma “crise de valores que infectou nossa democracia” e que essa ruptura na relação entre governantes e governados, instigada por líderes populistas, leva a democracia liberal a deixar de existir “no único lugar que pode perdurar: na mente dos cidadãos” (MARTINUZZO & DARRIBA, 2023).

CONCLUSÃO

O bolsonarismo é o pilar central do populismo autoritário no Brasil. Ele se articula com uma dinâmica global onde a desinformação, a polarização e a autocratização se reforçam mutuamente (CARREON, 2023; MARTINUZZO & DARRIBA, 2023). Assim, ao se alinhar com a onda emergente do populismo de extrema-direita, o bolsonarismo consegue importar ao Brasil uma identidade ultraconservadora e estratégias de comunicação e propagação de narrativas ideológicas conspiracionistas e antidemocráticas (MELLO & ESTRE, 2019; ANGIOLILLO ET AL., 2025). Portanto, é perceptível que, ao emular os movimentos de extrema-direita transnacionais e implementar uma combinação de mentiras deliberadas e narrativas de um complô – como o globalismo –, o bolsonarismo consegue orquestrar uma erosão das instituições democráticas no país a um nível que a desconfiança no sistema democrático brasileiro se torna tão fina que resultou em uma tentativa de golpe de Estado (BARROSO, 2022; MENDOÇA ET AL, 2023; MARTINUZZO & DARRIBA, 2023).

Nesse artigo, entendemos que o *modus operandi* da desinformação Bolsonarista se dá principalmente na comunicação apelativa às emoções dos interlocutores das narrativas conspiratórias populistas; que o bolsonarismo importou suas ideologias e posicionamentos de movimentos populistas transnacionais, em especial o Trumpismo nos EUA; que a desinformação não obedece fronteiras e ela se articula em todos os lugares que adotam uma política ultraconservadora populista, com um foco maior em sua articulação entre Brasil e EUA; e que o emaranhado de *fake news*, teorias da conspiração, discursos de ódio, populismo de extrema-direita corrói a fundação das instituições democráticas e ameaça seu pleno funcionamento ao plantar dúvidas e desconfianças na mente dos cidadãos, levando-os a tomar um posicionamento contrário às práticas democráticas.

O intrincamento da rede de articulação transnacional do populismo de extrema-direita impôs algumas limitações na escrita deste artigo. Há muitos outros casos da ascensão do ultraconservadorismo no mundo, como na Hungria com Viktor Orbán e na Índia com Narendra Modi, porém, como esse estudo focou no bolsonarismo e, consequentemente, na sua profunda relação com o trumpismo, não foi possível entrar em detalhes sobre esses outros casos. Além disso, também não foi possível coletar todos os dados envolvendo publicações em redes sociais por conta de seus números quase que imensuráveis, dessa maneira, foram abordados nos artigos apenas alguns que se relacionavam diretamente com a narrativa apresentada.

Após a conclusão desse estudo, urge a necessidade de investigar e investir em mecanismos de combate à desinformação em níveis nacionais e transnacionais. Garantir que práticas regulatórias de propagação de informação, principalmente no meio digital, sejam de extrema importância para que eventos como os de 6 de janeiro de 2021 nos Estados Unidos e de 8 de janeiro de 2023 no Brasil não possam ser orquestrados novamente.

REFERÊNCIAS

ANGIOLILLO, Fabio; GOOD GOD, Ana; NORD, Marina; *et al*. **CENTRO REGIONAL Europa Do Sul RELATÓRIO DA DEMOCRACIA 2025 25 Anos De Autocratização -Foi a Democracia Derrotada?** [s.l.: s.n.], 2025. Disponível em: <https://www.v-dem.net/documents/63/V-DemDemocracyReport_portuguese_2025_lowres.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2025.

AVILA, Carlos Federico Dominguez ; DOMÍNGUEZ, Aldira Guimarães Duarte . Desinformação, Liberdade De Expressão E Qualidade Da Democracia No Brasil. **Revista Debates**, v. 18, n. 3, p. 56–70, 2025.

AZEVEDO, Mauri de Castro ; LIMA, Marcus Antônio Assis. Fake News E pós-verdade Na Construção Do Neoconservadorismo No Brasil pós-2013 E Os Efeitos Nas Eleições De 2018. **Letrônica**, v. 13, n. 2, p. e35546, 2020.

BARBOSA, Ricardo ; CASARÕES, Guilherme. Statecraft under God: Radical Right Populism meets Christian Nationalism in Bolsonaro's Brazil. **Millennium: Journal of International Studies**, v. 50, n. 3, p. 669–699, 2022.

BARROSO, Luís Roberto. DEMOCRACIA, POPULISMO E DESINFORMAÇÃO. **Revista da Esmal**, v. 1, n. 7, p. 1–10, 2022.

BOECHAT, Gabriela ; VITTORAZZI, Davi. **Bolsonaro É Condenado a 27 Anos E 3 Meses De Prisão Por Plano De Golpe**. CNN Brasil. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/stf-pena-jair-bolsonaro>. Acesso em: 21 nov. 2025.

BUCCI, Eugênio ; BLOTTA, Vitor. Desinformação, Democracia E Regulação. **Estudos Avançados**, v. 39, n. 113, 2025.

CARREON, Renata. As Fake News Como Base Do Populismo De Direita brasileiro: Entre O Político E O digital, O Algoritmo. **Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, v. 2, n. 23, p. 129–146, 2023. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/48947>. Acesso em: 17 nov. 2025.

CASARÕES, Guilherme Stolle Paixão e ; BARROS LEAL FARIAS, Déborah. Brazilian Foreign Policy under Jair Bolsonaro: far-right Populism and the Rejection of the Liberal International Order. **Cambridge Review of International Affairs**, v. 35, n. 5, p. 1–21, 2021.

CEBRI REVISTA. **A Ascensão Da extrema-direita No mundo: convergências, Diferenças E O Papel Da História**. CEBRI Revista. Disponível em: <https://cebri.org/revista/br/artigo/177/a-ascensao-da-extrema-direita-no-mundo-convergencias-diferencas-e-o-papel-da-historia>.

CEDRO, Kassandra; REGO, Lucas; SILVA, Erick. Fake News, Discurso De Ódio E Populismo Penal midiático, Uma Trilogia Corrosiva à Democracia Constitucional Brasileira. **REVISTA ELETRÔNICA DA PGE-RJ**, v. 5, n. 3, 2023. Disponível em: <https://revistaeletronica.pge.rj.gov.br/index.php/pge/article/view/316>.

DE SÁ GUIMARÃES, Feliciano; CORDEIRO MOREIRA, Davi; DUTRA DE OLIVEIRA E SILVA, Irma; *et al*. Conspiracy Theories and Foreign Policy Narratives: Globalism in Jair Bolsonaro's Foreign Policy. **Latin American Perspectives**, p. 0094582X2211475, 2023.

DE SÁ GUIMARÃES, Feliciano ; DE OLIVEIRA E SILVA, Irma Dutra. Far-right populism and foreign policy identity: Jair Bolsonaro's ultra-conservatism and the new politics of alignment. **International Affairs**, v. 97, n. 2, p. 345–363, 2021.

DE SÁ GUIMARÃES, Feliciano; MIQUELASI, André Felipe; FERREIRA ALVES, Gustavo Jordan; *et al*. The evangelical foreign policy model: Jair Bolsonaro and evangelicals in Brazil. **Third World Quarterly**, v. 44, n. 6, p. 1–21, 2023.

DEMURU, Paolo. Teorias Da Conspiração E Populismo Messiânico No Brasil Contemporâneo: Uma Perspectiva semiótico-cultural. **Estudos Semióticos**, v. 17, n. 2, p. 264–291, 2021.

EM. **Censo 2022: Católicos Seguem Em queda; Evangélicos E Sem Religião Crescem No País | Agência De Notícias**. Agência de Notícias - IBGE. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais>.

FALCÃO, Márcio ; BARBIÉRI, Luiz Felipe. **STF Já Condenou 24 Réus No Julgamento Da Tentativa De golpe; Pena De Bolsonaro É a Maior | G1**. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/11/18/stf-ja-condenou-24-reus-no-julgamento-da-tentativa-de-golpe-pena-de-bolsonaro-e-a-maior.ghtml>. Acesso em: 21 nov. 2025.

GOROKHOVSKAIA, Yana ; GROTHE, Cathryn. **The Uphill Battle to Safeguard Rights**. Freedom House. Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/freedom-world/2025/uphill-battle-to-safeguard-rights>.

INTELLIGENCE UNIT, The Economist. **Democracy Index 2024 - Economist Intelligence Unit**. Economist Intelligence Unit. Disponível em: <https://www.eiu.com/n/campaigns/democracy-index-2024>.

MELLO, Anna Carolina Raposo de ; ESTRE, Felipe. Populism and Anti-Globalism on Twitter. **Routledge eBooks**, p. 133–154, 2023.

MENDONÇA, Ricardo Fabrino; FREITAS, Viviane Gonçalves; AGGIO, Camilo de Oliveira; *et al*. Fake News e o Repertório Contemporâneo de Ação Política. **Dados**, v. 66, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/M47Czv8v8HzwQ6DKjBqJvjg/?format=pdf&lang=pt>.

RATO, Vasco. Canários Na Mina: a Democracia, a Globalização E O Populismo. **Nação e Defesa**, n. 155, p. 87–113, 2020.

SENADO, Agência. **Fake News Quebram Confiança Nas instituições, Diz Pesquisador Da FGV À CPI**. Senado Federal. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/11/27/fake-news-quebram-confianca-nas-instituicoes-diz-pesquisador-da-fgv-a-cpi>.

SILVA, Maria Eduarda Lins da; FORMIGA, Emmanuel Fragoso ; TARGINO, Giliard Cruz. A Democracia Em crise: Fake News E Uma Possível Ameaça Ao Estado Democrático De Direito. **Revista Brasileira de Filosofia e História**, v. 13, n. 3, 2024.

VISCARDI, Janaisa Martins. FAKE NEWS, VERDADE E MENTIRA SOB A ÓTICA DE JAIR BOLSONARO NO TWITTER. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 2, p. 1134–1157, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tla/v59n2/2175-764X-tla-59-02-1134.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.